

## REVELAÇÕES DOS AUTORES DA REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL SOBRE SURDEZ E LIBRAS

Danilo Pessopane de Almeida (UEMS/PGEDU)<sup>1</sup>  
Samara Rodrigues da Cruz (UEMS/PGEDU-OBEDUC/CAPES)<sup>2</sup>  
Doracina Aparecida de Castro Araujo (UEMS-PNPD/CAPES)<sup>3</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa incide no estudo sobre surdez e Libras, ora associando ambos os temas, ora separando-os, considerando que as investigações relativas ao tema surdez nem sempre apresentam discussão sobre libras, contudo quando o assunto é Libras, a surdez passa a ser inerente - pois os temas se justapõem e em muitas situações se entrelaçam, conforme a especificidade do tipo de pesquisa realizada. Partiu-se de um mapeamento subjacente à análise e apresentação dos resultados dos relatos de pesquisa publicados na Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE), no período de 2005 a 2014. Objetivou-se, sobretudo, por um lado, analisar as revelações de seus autores, contemplando as categorias: formação docente, ensino, aprendizagem, dificuldades e perspectivas, levando em conta como esses estudos refletem em contribuições para os profissionais da Educação Básica e do Ensino Superior e, por outro lado, identificar as tendências teóricas que tem subsidiado as publicações acerca dos estudos sobre a questão no País. Para atingir os objetivos, privilegiou-se os aportes teóricos de Vigotski (1997, 2004, 2007), Quadros (1997, 2004), Reily (2004) e Strobel (2008a, 2008b). O percurso metodológico teve como base a pesquisa exploratória, que se iniciou pela revisão bibliográfica e mapeamento das produções na RBEE sobre a temática. Os resultados mostram que no período de 2005 a 2014 foram publicados no site do Scielo, 33 números, sendo 268 em forma de relatos de pesquisa. Desses trabalhos, 35 (13,05%) trataram dos temas surdez e Libras: 30 (85,71%) relativos à surdez e 05 (14,29%) à Libras. Dentre as contribuições das publicações, grande parte contemplou a educação básica; os teóricos e estudiosos que apoiaram os autores dos artigos, na maioria, são brasileiros. Constatou-se que existem lacunas a serem preenchidas por meio de ações mais concretas e direcionadas ao público-alvo, que ainda não conseguiu sua inclusão, tampouco consegue compartilhar da cultura escolar, em escolas regulares, com autonomia e sem obstáculos, ou seja, enfrenta muitas dificuldades, embora haja perspectivas de melhoria, devido a ações – ainda tênues – baseadas no princípio da educação inclusiva, no movimento da comunidade surda no País, no sentido de adequar a escola, preparar o professor e o intérprete.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Surdez. Libras. Produção intelectual

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMS/Paranaíba. Pedagogo pelas Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul (FUNEC). Docente da FUNEC e da Rede Pública Municipal de Santa Fé do Sul. [danilo.libras.prof@gmail.com](mailto:danilo.libras.prof@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMS/Paranaíba. Pós-Graduada em Educação Básica do Campo pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) , Campus Campo Grande (UFMS/Campo Grande). Pedagoga pela UEMS/Paranaíba. Bolsista do Observatório da Educação (OBEDUC-CAPES). [samaracruzpb@gmail.com](mailto:samaracruzpb@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e dos cursos de Especialização em Educação e Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba). Bolsista PNPd-CAPES). [doracina@gmail.com](mailto:doracina@gmail.com)

## Introdução

*[Com a Libras] se faz brotar novas possibilidades de subjetividades, de compartilhar a cultura, de aquisição de conhecimentos, que não são plausíveis por meio da língua oral e da cultura ouvinte (STROBEL, 2008, p. 89).*

O tema Surdez nem sempre apresenta discussões sobre Libras, já quando se aborda o assunto Libras, a Surdez passa a ser inerente à discussão, pois na segunda situação os temas se justapõem. Com essa compreensão é que os autores deste texto se dispuseram a trabalhar os dois temas entrecruzando-os e separando-os, considerando a especificidade da pesquisa de mapeamento de produções na Revista Brasileira de Educação Especial, no período de 2005 a 2014. Para a realização da pesquisa objetivamos compreender como se conduz a evolução da produção intelectual no País, a partir de um periódico nacional disponibilizado no Scielo Brasil, com um olhar específico para o período de 2005 a 2014.

Instigados pela curiosidade e pela necessidade de buscar dados referentes às lacunas deixadas por estudiosos dos temas é que procuramos responder às seguintes questões: Os autores dos artigos da Revista Brasileira de Educação Especial, no período de 2005 a 2014, contribuíram com as discussões sobre Surdez e Libras para a Educação Básica e Ensino Superior? As revelações dos autores da Revista Brasileira de Educação Especial sobre os temas Surdez e Libras, no período de 2005 a 2014, contribuíram para os professores da Educação Básica e do Ensino Superior? É possível identificar as tendências teóricas dos autores nos artigos mapeados sobre Surdez e Libras?

De forma a responder às questões enunciadas, buscamos apoio nos aportes teóricos de Vigotski (1997, 2004, 2008), Quadros (1997, 2004), Reily (2004), Strobel (2008a, 2008b), dentre outros. Também traçamos um percurso metodológico, perspectivado na Psicologia Histórico-Cultural. Para tanto, iniciamos o trabalho com o mapeamento anual das produções sobre os dois temas, organizando-os por ano (Tabelas 01 e 02).

É importante considerar que nos dados das tabelas, dos 33 números publicados pela Revista Brasileira de Educação Especial, de 2005 a 2014, foram 268 relatos de pesquisa, 35 (13,05%) trataram dos temas surdez e Libras. Dos 35 artigos, 30 (85,71%) tratam de surdez e 05 (14,29%) de Libras. Esse baixo quantitativo de artigos sobre Libras é analisado como uma variante normal, pois Libras é um tema atual no País, considerando o curto período de sua

obrigatoriedade em todos os níveis de ensino e como primeira língua para a pessoa surda.

Com a organização e análise dos resultados da pesquisa, além das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, principalmente por meio do livro Defectologia, compreendemos que há nesse campo muitas lacunas a serem preenchidas.

O Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) ainda não é, efetivamente, incluído nas escolas, o que nos leva a reconhecer, de forma geral, a incapacidade da instituição na operacionalização das ações necessárias a esse fim - dessa forma, o aluno surdo não compartilha a cultura escolar. Conforme explica Strobel (2008a), na epígrafe de abertura deste texto, corroborando o pensamento de Quadros (1997, p. 28): “[...] o acesso rápido e natural da criança surda à comunidade ouvinte e para fazer com que ela se reconheça como parte de uma comunidade surda. Isso somente será possível quando os educadores e surdos trabalharem juntos”. (QUADROS, 1997, p. 28). Assim, explicita o autor:

Pensar sobre surdez requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que com alguns movimentos nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos. Permita-se “ouvir”, estas mãos, somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita. (QUADROS, 1997, p. 119).

Para “penetrar” no mundo dos surdos, por meio de sua cultura e, assim, contribuir para a evolução das pesquisas e estudos sobre Surdez e Libras é que mapeamos, organizamos e apresentamos os artigos dos autores da Revista Brasileira de Educação Especial, dispendo-os em duas tabelas e comentando-os brevemente, organizando-as em dois períodos, de 2005 a 2009 e de 2010 a 2014. Na sequência, passamos à análise do material, a fim de compreender as revelações dos autores nos artigos da Revista Brasileira de Educação Especial, a partir das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural.

## **1 Surdez e Libras na Revista Brasileira de Educação Especial**

A Revista Brasileira de Educação Especial é fruto de debates entre alguns estudiosos que procuravam divulgar conhecimentos acerca da Educação Especial, tendo sido criada a partir do Seminário Brasileiro de Pesquisa em Educação Especial que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, e após um ano foi constituída a Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE) para ser um órgão mantenedor dela, com sede atual em Londrina (MANZINI, 2013).

É importante salientar, segundo Manzini (2013), que em razão da demanda externa,

em 2012, ficou decidido que a revista teria uma publicação trimestral, sob responsabilidade da ABPEE, além de abrir espaço para artigos de revisão, ensaios e resenhas. Visa à publicação de artigos originais, priorizando a qualidade e não a quantidade de produções.

O período delimitado para o estudo refere-se ao período em que a Revista passou a ser publicada no SciELO, 2005 a 2014. Em 2005, dos dois números do volume onze, treze artigos foram Relatos de Pesquisa, desses, dois trataram do tema Surdez e nenhum mencionou o tema Libras. O artigo constante no número 03, apresenta resultados de uma pesquisa com sujeitos que cursam o Ensino Fundamental (Tabela 1). Dentre os teóricos mencionados pelos autores, o primeiro artigo conta com estudiosos brasileiros em suas análises: Manzini e Omote, já o segundo artigo apresenta as contribuições teóricas da Psicologia Histórico-Cultural, com seus principais expoentes: Leontiev e Vygotski.

Em 2006, foram identificados nos três volumes, 21 relatos de pesquisa. Desses, somente três apresentam artigos sobre os temas, objeto deste estudo, dois sobre surdez e um sobre deficiência auditiva, nenhum discorreu sobre Libras (Tabela 1). O artigo constante no volume 12, número 01, retrata os resultados de uma pesquisa sobre orientação sexual para jovens com deficiência auditiva, utilizando como aporte teórico alguns estudiosos brasileiros, a exemplo de Marchesi e Omote<sup>4</sup>. O artigo constante no número 02, trata de um estudo realizado com surdos do Ensino Fundamental e Médio, no qual o autor fez um teste de avaliação das habilidades dos surdos, a partir da escolha de palavras escritas para nomear figuras. Sua base teórica foi Capovilla e Rafael. No artigo número 03, os autores apresentam uma pesquisa realizada com professores do Ensino Fundamental e Médio, trazendo uma discussão sobre a questão da inclusão do aluno com surdez no ensino regular, com base teórica predominante em estudiosos brasileiros, como Lacerda, Borges e Skliar.

No ano de 2007, a RBEE contribuiu, no volume 13, com três números. Desses, 23 foram Relatos de Pesquisa, entre eles localizamos quatro publicações sobre a temática, duas específicas sobre deficiência auditiva e duas sobre surdez, nenhum artigo sobre Libras (Tabela 1). O artigo constante no volume 13, número 01, trata dos fatores que possibilitam e dificultam o acesso e permanência do aluno com deficiência auditiva no Ensino Superior. Nesse trabalho foram entrevistados alunos surdos do Ensino Superior, Médio e outros níveis escolares, com base em teóricos brasileiros, como Fonseca e Oliveira. O outro artigo do número 01 apresenta os resultados de uma pesquisa versando acerca de pessoas com

---

<sup>4</sup> Os autores dos artigos constantes nas tabelas 1 e 2 não foram inseridos nas referências bibliográficas.

deficiência auditiva e a relação com seus pais, a partir dos pressupostos do autoconceito sobre o Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI); as discussões teóricas de Fonseca e Branden foram utilizadas nas análises. O número 02 analisa a produção escrita de um sujeito com surdez em fase de escrita inicial; tendo sido utilizado como base teórica Góes, Koch e Bernardino. Ainda no número 02, consta um artigo que evidencia a experiência e vivência de sujeitos ouvintes na convivência com sujeitos surdos em sala de aula do Ensino Fundamental, baseado na teoria de Mazzota, Sasaki e Vigotski.

Em 2008, em três números do volume 14, foram mapeados 26 Relatos de Pesquisa, dentre eles três artigos sobre a temática, um sobre surdez, um sobre Libras e um específico sobre deficiência auditiva (Tabela 1). O primeiro artigo constante neste volume, no número 01, discute e explicita questões relacionadas ao trabalho do intérprete no Ensino Superior, embasando-se em estudiosos brasileiros como Lacerda e Pires. Outro artigo, do mesmo volume e número apresenta como objetivo averiguar a possibilidade de utilizar a dramatização para os deficientes auditivos do Ensino Fundamental, como ferramenta que contributiva no desenvolvimento da compreensão e interpretação dos textos em sala de aula. Ruegg, Carvalho e Bevilacqua foram o apoio para as análises nesse artigo. Ainda em 2008, o artigo constante no número 03, aborda a questão de atividades simbólicas no desenvolvimento da linguagem e de novos conhecimentos pelas crianças surdas no Ensino Fundamental, com análise que se insere na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, de autores como Vigotski e Luria.

Em 2009, dos três números do volume 15, há 27 Relatos de Pesquisa. Entre esses artigos foram localizadas seis publicações sobre a temática, das quais cinco retratam a surdez, uma trata especificamente sobre deficiência auditiva, nenhuma mencionou o tema Libras (Tabela 1). O primeiro artigo desse volume, constante no número 01, versa sobre a trajetória e as condições do sujeito surdo no ensino superior, apresentando contribuições de estudiosos como Sá, Quadros, Skliar e Dorziat, Pereira e Moreira. Outro artigo constante no número 01, discute sobre o processo de inclusão de crianças da educação infantil a partir da vivência dos professores, inserindo-se em estudos de Mazzota, Sanchez, Sasaki, Lacerda, Ferreira e Buffa. O outro artigo desse número apresenta alguns aspectos relacionados ao letramento de surdos universitários, com análise a partir de estudiosos como Ribeiro, Góes, Fernandes e Bernardino.

Foram vários artigos publicados no ano de 2009, como o artigo constante no mesmo volume, no número 02, que apresenta o processo de escrita do aluno surdo do Ensino

Fundamental avaliando sua flexão verbal, com base em estudiosos como Góes, Botelho; Fernandes e Gonçalo. Ainda nesse número foi localizado um artigo que discute e analisa a prática de letramento de um grupo de crianças surdas do Ensino Fundamental, no contexto escolar e familiar, com aportes teóricos da área da linguagem, destacando-se os contributos de Fernandes, Góes, Botelho e Pereira. O artigo apresentado no número 03 analisa a questão de identidade surda e cultura escolar na Educação Básica, a partir dos pressupostos teóricos de Vigotski, Skliar, Souza e outros.

**Tabela 1: Surdez e Libras (2005-2009)**

Ano	Autor(es)	Título
2005	Eliza D. Oshiro Tanaka; Eduardo José Manzini.	O que os empregadores pensam sobre o trabalho da pessoa com deficiência?
2005	Simone Cerqueira da Silva; Maria S. F.o Aranha	Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva
2006	Helen M. Cursino; Olga M. P. Rodrigues; Ana C. B. Maia; Maria Estela G. Palamin.	Orientação sexual para jovens adultos com deficiência auditiva.
2006	Fernando Capovilla; Alessandra Capovilla; Cláudia Mazza; Roseli Ameni; Maria Neves.	Quando alunos surdos escolhem palavras escritas para nomear figuras: paralexias ortográficas, semânticas e quirêmicas.
2006	Ana C. Guarinello; Ana P. Berberian; Ana Paula Santana; Giselle Massi, Mabel Paula.	A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do estado do Paraná.
2007	Milena V. Manente; Olga Maria P. Rolim Rodrigues; Maria Estela G.	Deficientes auditivos e escolaridade: fatores diferenciais que possibilitam o acesso ao ensino superior.
2007	Ana Paula Zugliani; Telma Flores Genaro Motti; Rosicler Moreno Castanho.	O autoconceito do adolescente deficiente auditivo e sua relação com o uso do aparelho de amplificação sonora individual.
2007	Ana Cristina Guarinello; Giselle Massi; Ana Paula Berberian.	Surdez e linguagem escrita: um estudo de caso.
2007	Cristina Broglia Feitosa de Lacerda.	O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo.
2008	Ana C. Guarinello; Ana Paula Santana; Luciana Cabral Figueiredo; Giselle Massi.	O intérprete universitário da língua brasileira de sinais na cidade de Curitiba.
2008	Kele Jaqueline Pinotti; Cibele Cristina Boscolo.	A dramatização como estratégia de aprendizagem da linguagem escrita para o deficiente auditivo.
2008	Claudia Campos M. Araújo; Cristina Broglia Feitosa de Lacerda.	Esferas de atividade simbólica e a construção de conhecimento pela criança surda.
2009	José Ildon Gonçalves da Cruz; Tárzia Regina da Silveira Dias.	Trajetória escolar do surdo no ensino superior: condições e possibilidades.
2009	Noemi Vieira de Freitas Rios; Beatriz Cavalcanti de A. Caiuby Novaes.	O processo de inclusão de crianças com deficiência auditiva na escola regular: vivências de professores.
2009	Ana C. Guarinello; Ana P. Berberian; Ana Santana; Kyrlian Bortolozzi; Simone Schemberg; Luciana C. Figueiredo.	Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis.
2009	Aline Nascimento Crato; Maria Silvia Cárnio.	Análise da flexão verbal de tempo na escrita de surdos sinalizadores.
2009	Simone Schemberg; Ana C. Guarinello; Ana Paula de Oliveira Santana.	As práticas de letramento na escola e na família no contexto da surdez: reflexões a partir do discurso dos pais e professores.
2009	Liana S. Botelho de Paula	Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola.

**Fonte:** Site do SCIELO - Revista Brasileira de Educação Especial.

Em 2010, dos três números do volume dezesseis, foram mapeados 25 Relatos de Pesquisa, com dois artigos sobre a temática, especificadamente sobre deficiência auditiva, mas nenhuma se referindo a Libras (Tabela 2). O artigo do volume 16, número 01, analisa os

An. Sciencult	Paranaíba	V.6	n.1	p. 191-208	2015
---------------	-----------	-----	-----	------------	------

conhecimentos básicos acerca de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e o planejamento familiar de alunos com deficiência auditiva e ouvintes da Educação Básica, utilizando na análise os estudos de Mazzota, Chaveiro, Cursino, Bento, Bicudo; as noções de e sexualidade foram desenvolvidas a partir de estudos de Barbosa, Santos, Bento, Maia, entre outros. Já o artigo constante no número 02, apresenta questões a respeito das práticas educativas de alunos com deficiência auditiva da Educação Infantil e Ensino Fundamental, considerando a influência familiar, segundo os estudos de Calderon, Gargiulo, Motti e Jackson.

Em 2011, dos três números do volume 17, há 36 Relatos de Pesquisa. Os aspectos temáticos de três desses relatos é a surdez e um discorre sobre Libras. O volume 11 apresenta um número especial de 11 artigos, contudo, não há produções que tratam dos assuntos surdez e Libras. O tema surdez, tabela 2, trata de assuntos sobre formação, profissionalização e concepções de surdez em níveis escolares não especificados. Quanto ao nível de escolarização, o artigo referente ao Ensino Médio, discute um aspecto de desenvolvimento surdo na adolescência. Com relação ao tema Libras, há um relato de pesquisa com a temática voltada às formas e perfis de interpretação em Libras no nível escolar de Ensino Superior. De maneira ampla, as produções buscam relacionar teoria e prática nos estudos em pesquisa. Dentre os teóricos utilizados como estudo pelos autores nos artigos, os principais citados são Lacerda, Vigotski, Quadros e Soares.

Em 2012, dos quatro números do volume 18, há 36 Relatos de Pesquisa. Desses, um tem como tema a surdez e dois o tema Libras. Os assuntos do ano de 2012 retratam, no âmbito da surdez, aspectos linguísticos e familiares. Acerca de Libras, destacam o trabalho do intérprete, educação inclusiva e aspectos linguísticos. As principais referências utilizadas nas produções são Lacerda, Quadros e Skliar.

Em 2013 foram publicados 27 Relatos de Pesquisa, distribuídos em quatro números do volume 19. Dessas pesquisas, quatro são sobre surdez, não há nenhuma sobre Libras (tabela 2). Os assuntos relacionados à surdez são estudos referentes a questões linguísticas, ambiente escolar inclusivo, surdos no Ensino Médio e socialização familiar. Os referenciais utilizados são muitos, dentre os principais, Lacerda e Keller. A busca objetiva nas produções está vinculada às relações escolares e sociais.

Em 2014, dos 34 artigos de Relatos de Pesquisa encontrados, presentes nos quatro números do volume 20, quatro tratam do tema surdez/deficiência auditiva e nenhum do tema Libras, conforme tabela 2. Os assuntos abordados são referentes à inclusão escolar,

acessibilidade, ambiente virtual, ensino e aprendizagem e relações comunicativas. Ainda que nenhum artigo tenha tratado diretamente sobre Libras, os presentes nos números 2 e 3, apresentam direções aos pensamentos da comunicação em Libras como ferramenta principal de comunicação no âmbito da surdez. Os principais teóricos dentre muitos utilizados na pesquisa foram Lacerda, Mazzotta, Omote e Vigotski.

**Tabela 2:** Surdez e Libras (2010-2014).

Ano	Autor(es)	Título
2010	Tadeu R. de C. Pinheiro Filho; José Cláudio B. da Silva Filho; Emilcy R. Gonçalves; Amanda M. M. Dantas; Silvia B. Hyppólito.	Análise do conhecimento sobre DSTS e planejamento familiar entre deficientes auditivos e ouvintes de uma escola pública de Fortaleza.
2010	Alessandra T. Bolsoni-Silva; Olga Maria P. R. Rodrigues; Dagma V. M. Abramides; Liliane S. de Souza; Sonia R. Loureiro.	Práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e de linguagem.
2011	Juliana Guimarães Faria.	Formação, profissionalização e valorização do professor surdo: reflexões a partir do Decreto 5.626/2005
2011	Maria Aparecida de Castilho Lopes; Lúcia Pereira Leite.	Concepções de surdez: a visão do surdo que se comunica em língua de sinais
2011	Maria Augusta L. Montezuma; Mariana V. Rocha; Rosângela M. Busto; Dirce S. Fujisawa.	Adolescentes com deficiência auditiva: a aprendizagem da dança e a coordenação motora.
2011	Cristina Broglia Feitosa de Lacerda; Taís Margutti do Amaral Gurgel.	Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) eu atuam no ensino superior no Brasil
2012	Simone Schemberg; Ana Cristina Guarinello; Gisele Massi.	O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas.
2012	Ana Dorziat; Joelma Remígio de Araújo	O intérprete de língua brasileira de sinais no contexto da educação inclusiva: o pronunciado e o executado.
2012	Cássia Geciauskas Sofiato; Lucia Reily	Justaposições: o primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz.
2013	Carla da Silva Flor; Tarcísio Vanzin, T.; Vânia Ribas Ulbricht.	Recomendações da Wcag 2.0 (2008) e a Acessibilidade de Surdos em Conteúdos da Web.
2013	Patrícia Aspilicueta; Carla Delani Leite; Emileide Cristine Mathias Rosa; Gilmar de Carvalho Cruz.	A questão linguística na inclusão escolar de alunos surdos: ambiente regular inclusivo versus ambiente exclusivamente ouvinte.
2013	Alice A. C. de Resende; Cristina Broglia Feitosa de Lacerda.	Mapeamento de alunos surdos matriculados na rede de ensino pública de um município de médio porte do estado de São Paulo: dissonâncias.
2013	Hilda Rosa Moraes de Freitas; Celina Maria Colino Magalhães.	Metas e estratégias de socialização que mães de crianças surdas valorizam para seus filhos.
2014	Fagner M. Mallmann; Juliana de Conto; Maria Fernanda Bagarollo; Denise Maria Vaz Romano França.	A inclusão do aluno surdo no Ensino Médio: um olhar para os discursos dos educadores
2014	Elisa Maria Pivetta; Daniela Satomi Saito; Vânia Ribas Ulbricht.	Surdos e acessibilidade: análise de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem.
2014	Ariele T. Rodrigues; Vanessa Bertin; Leonardo G. V. Vitor; Dirce Shizuko Fujisawa.	Crianças com e sem deficiência auditiva: o equilíbrio na fase escolar.
2014	Jaqueline Santos Vargas; Shirley Takeco Gabara.	Interações entre o aluno com surdez, o professor e o intérprete em aulas de física: uma perspectiva Vygotskiana

**Fonte:** Site do SCIELO - Revista Brasileira de Educação Especial.

Com base neste levantamento de produções científicas representadas por artigos em formato de Relatos de Pesquisa, é possível perceber diferentes interesses na busca pelas descobertas dos temas Libras e Surdez. A partir das temáticas tratadas, a surdez possui maior

número de pesquisa, enquanto a Libras, ainda que seja indissociável nos assuntos que se referem à deficiência auditiva/surdez, possui menos produções.

Nesse contexto de especificidades da Educação Especial, a revista aborda temas relevantes, que apresentam necessidades pertinentes à realidade e ao papel social, abrangendo todos os níveis da Educação Básica e o Ensino Superior. As indagações e buscas em cada produção expõem, de fato, a interação entre a pesquisa e a prática, que apresentadas em teorias e por autores por elas fundamentados, revelam transformações evolutivas dos aspectos inclusivos dos temas Surdez e Libras, em eixos de contribuição pessoal, social, educacional e acadêmico, por representações das especificidades abordadas.

Portanto, este levantamento poderá contribuir de forma qualitativa nas leituras e produções futuras, no auxílio ao conhecimento e também nas relações teórico-práticas, para que sejam efetuadas as mudanças necessárias nos contextos da educação especial brasileira. Por meio destas publicações compreendemos algumas relações sociais e educacionais no atendimento ao público-alvo da educação especial no país. Essa compreensão facilitou a análise das revelações dos autores, a partir de um espaço que não é o da comunidade surda, mas que pode contribuir com essa comunidade, com vistas à ampliação de estudos da área.

## **2 Revelações dos autores nos artigos da Revista Brasileira de Educação Especial sobre Surdez e Libras**

Nesta seção, iremos apresentar as revelações dos autores dos artigos da Revista Brasileira de Educação Especial sobre Surdez e Libras. Assim a partir das considerações do tópico anterior podemos perceber que tais estudos têm contribuído de forma significativa com a comunidade surda e também com o meio científico, sendo relevante salientar que essa temática sempre foi alvo de calorosas discussões, gerando embates e conflitos em torno da luta de viver em sociedade e poderem utilizar a forma de comunicação que melhor lhes convém.

Dentre os artigos em estudo, vale frisar que foram encontradas poucas produções específicas sobre a temática Libras, tendo maior foco, na maioria dos estudos, assuntos a respeito de surdez ou deficiência auditiva em alguns níveis de ensino como na Educação Básica, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, há poucas pesquisas mencionando o Ensino Superior.

É importante ressaltar que os autores dos artigos se fundamentam em correntes teóricas diversas, com autores com diferentes perspectivas no trato do tema inclusão escolar, Psicologia Histórico-Cultural, linguagem, sexualidade e cultura e identidade surda. Em breves considerações, apresentamos as revelações dos autores de tais artigos, primeiramente do período de 2005 a 2009, e

sucedendo, o período de 2010 a 2014, pontuando as categorias formação docente, ensino, aprendizagem, dificuldades e perspectivas, relevantes para nortear as análises.

## 2.1 Surdez e Libras: revelações dos autores (2005-2009)

Iniciamos nossa discussão primeiramente pela categoria **formação docente**, em que os artigos destacam a importância da interação entre professor e aluno, considerando a necessidade de conhecimento, capacitação e compromisso para atuar em sala de aula, principalmente no que se refere aos alunos com deficiência (SILVA; ARANHA, 2005). É por meio dessas relações intrapessoais que a criança internaliza e se desenvolve culturalmente e psicologicamente (VIGOTSKI, 2008).

Desta forma, podemos perceber a importância da atuação comprometida do professor em sala de aula, e também o processo de interação e mediação por signos do professor/aluno e aluno/aluno, quesitos considerados por Vigotski (2008) como principais responsáveis pelo desenvolvimento de sujeitos críticos e reflexivos.

Ademais, algumas produções salientam que muitas vezes o insucesso do aluno com deficiência auditiva está relacionado a muitos fatores, dentre eles sobressai-se a falta de apoio e de capacitação dos professores. Algo a ser considerado de extrema importância nessa discussão, é que alguns profissionais - embora resistam em admitir - ainda consideram as pessoas com deficiência como incapazes, tendo uma visão reducionista desses alunos (GUARINELLO *et. al.*; 2006).

Vale enfatizar a importância da qualidade da formação dos intérpretes, sendo considerada de suma importância sua relação com o professor, pois ambos coexistem no espaço escolar e, conseqüentemente, refletirá na construção dos conhecimentos dos seus alunos. Guarinello *et. al.* (2008, p. 66) afirma que “[...] quando se insere um intérprete da LIBRAS em uma sala de aula abre-se a possibilidade do aluno surdo receber a informação escolar nessa língua, por meio de uma pessoa competente”.

Com relação ao **ensino e dificuldades** têm-se encontrado poucas produções referentes aos surdos no Ensino superior, dentre as 20 publicações constatadas no período de 2005 a 2009, foram identificadas somente quatro referentes à temática com foco no Ensino Superior. À vista disso, ficou evidenciado que tais instituições não estão preparadas para atender e acolher alunos com surdez, Guarinello *et. al.* (2008) destacam a falta de preparação dos profissionais da educação (caso salientado também nos outros níveis). Assim esses alunos

vivem em condições de dificuldades, frieza e até mesmo rejeição no ensino superior e demais níveis (CRUZ; DIAS, 2009).

Os estudos revelam que isso ocorre porque as escolas (não somente o Ensino Superior, mas todos os níveis) se organizam de acordo com os interesses e necessidades dos ouvintes, não considerando as necessidades e especificidades de outras culturas, e acima de tudo as diferenças humanas (STROBEL, 2008a).

Cursino et. al. (2006) contribui com a discussão sobre orientação sexual para adolescentes com deficiência auditiva, ressaltando a importância de informação e a necessidade de programas de orientação para esses sujeitos, e, da mesma forma, a presença de intérpretes nessas discussões para garantir a participação e envolvimento de todos.

No que se refere às categorias **aprendizagem e perspectivas**, no decorrer da leitura das produções, percebemos a importância do intérprete em sala de aula no processo de aprendizagem dos estudantes surdos, sua presença é considerada imprescindível, contudo, não o suficiente, contando também com o apoio e compromisso do professor, sendo necessária a construção de ambientes de aprendizagem favoráveis aos surdos e demais alunos por meio do bilinguismo.

Além disso, é importante enfatizar que leituras em língua de sinais associadas a atividades simbólicas contribuem muito para o desenvolvimento da linguagem e construção do conhecimento do surdo (ARAÚJO; LACERDA, 2008). Por isso, se faz necessária a utilização de ferramentas que auxiliem no processo de aprendizagem dos alunos surdos.

A dramatização foi citada por Pinotti; Boscolo (2008, p. 122) como exemplo de instrumento de aprendizagem aos alunos com surdez, contribuindo diretamente na compreensão e interpretação do texto que não poderia ser entendido somente por meio da leitura do texto escrita “[...] concomitante a esse fato, a leitura de textos juntamente com a dramatização podem auxiliar no processo de constituição destes indivíduos, aumentando o desenvolvimento cognitivo e de linguagem” (PINOTTI; BOSCOLO, 2008, p. 122).

Os autores Schemberg, Guarinello e Santana (2009) destacam a importância da diversidade de textos para a formação do sujeito leitor, destacando que as escolas ficam restritas aos livros didáticos. Desta forma, apontam a relevância de privilegiar práticas de leitura e escrita significativas para a formação e constituição de sujeitos leitores e autores, por meio de outros textos.

A construção da identidade dos surdos acontece por meio das relações com outros mundos e pessoas, assim a cultura escolar e surda contribui significativamente nesse processo.

De Paula (2009) ressalta, a partir das produções, que a escola é um contexto fértil para a formação do conhecimento e identidade dos sujeitos surdos. Sendo assim, a prática educacional que assume esses pressupostos das relações interpessoais, de interação e mediação contribui diretamente no processo de construção do conhecimento dos sujeitos surdos em nossa sociedade (VIGOTSKI, 2008).

Os artigos desse período defendem uma educação bilíngue e acima de tudo de qualidade em relação aos alunos com surdez. Reily (2004) assegura que a educação bilíngüe, nessa perspectiva, visa a mudanças, por meio de práticas que reconheçam e considerem as necessidades e especificidades dos surdos, partindo de suas potencialidades e não de suas dificuldades. Quadros (1997, p. 28) afirma que uma proposta de inclusão além de ser bilíngue, e construir práticas que assumam essa abordagem deve ser bicultural “[...] para permitir o acesso rápido e natural da criança surda à comunidade ouvinte e para fazer com que ela se reconheça como parte de uma comunidade surda. Isso somente será possível quando os educadores e surdos trabalharem juntos”.

Nesse aspecto, os autores destacam que os surdos têm buscado formas de se beneficiar da escola, mas as melhores oportunidades de participação social e até mesmo empregos qualificados somente virão por meio do estudo (MANENTE; RODRIGUES; PALAMIN, 2007). Os artigos demonstram que devemos intervir no sentido de criar ambientes propícios para que a inclusão de fato aconteça, e isso só se concretizará quando começarmos a promover práticas e ações que considerem, de fato, o sujeito surdo, dando-lhe espaço e ampliando as possibilidades de maior acesso social, somente assim caminharemos rumo a uma sociedade justa e humana.

O período analisado (2005-2009), não apresenta grandes avanços dos seus autores nas pesquisas, entretanto nos mostra trabalhos realizados e publicados em prol dos alunos com deficiência visual iniciados nos anos que antecederam a publicação de políticas que ampliaram as possibilidades educacionais para esse PAEE no País. Após definirmos os trabalhos analisados no período de 2005 a 2009, passaremos a apresentar as publicações verificadas nos últimos cinco anos (2010-2014), ressaltando como foi o avanço das pesquisas publicadas no mesmo periódico.

## 2.2 Surdez e Libras: revelações dos autores (2010-2014)

Os artigos mapeados abordam amplas questões referentes a diversos temas, dentre eles, destacam-se: o trabalho inclusivo e suas adaptações; instrutores da Língua Brasileira de Sinais; formação do professor da língua; a surdez em contato com a sociedade; possibilidades comunicativas; trabalho do intérprete nos meios sociais, educacionais e acadêmicos; aspectos linguísticos/discursivos; políticas de inclusão de surdos; métodos linguísticos adotados por escolas em sistemas de inclusão; o ensino da língua na Educação Infantil; Surdos no Ensino Médio; discursos de educadores; interações comunicativas entre professor, aluno e intérprete; inclusão no Ensino Superior e a língua, dentre outros temas.

Nos estudos de análise relativa às categorias, é possível perceber importantes contribuições nas discussões relacionadas à formação docente, ensino, aprendizagem, dificuldades e perspectivas, que estão justapostas às transformações educacionais e sociais, sobretudo, aos processos de desenvolvimento e formação humana. É possível identificar avanços nos estudos específicos aos temas diretamente relacionados aos assuntos Surdez e Libras, para a contribuição efetiva ao público- alvo da Educação Especial.

Na categoria **formação docente**, os estudos esclarecem a importância da comunicação na construção de identidade entre o professor e aluno, bem como o preparo para seu exercício e objetivação nas metas que se almeja alcançar, que considera cada indivíduo como ser único, além da necessidade no preparo e formação do desenvolvimento do trabalho evolutivo (QUADROS, 1997).

Vargas e Gabara (2014) apresentam como ponto conclusivo sobre o trabalho do intérprete, em especial o da pesquisa realizada na aula de Física, no ensino médio, que o aluno precisa de conhecimentos que nem sempre o intérprete sabe transpor o assunto que o professor está ensinando, ou seja, “[...] ele não estava preparado para atuar como educador, isso porque a maioria dos intérpretes observados não possuía nenhuma formação especializada em educação, apenas concluíram o ensino médio, o que dificultava o aprendizado do aluno surdo”. (VARGAS; GABARA, 2014, p. 457).

É importante considerar ainda, o reconhecimento do profissional da educação com surdez na atuação de formação do educando surdo, pois em sua formação pedagógica, conforme exige a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 (BRASIL, 1996), deve ser reconhecido como professor, em igualdade de condições no que tange a conquista

pela profissão docente ao longo da história. Assim, revela-se a igualdade de condições na participação dos processos educativos.

Segundo Quadros (2004, p.60), “[...] o intérprete, especialista para atuar na área da educação, deverá ter um perfil para intermediar as relações entre o professor e os alunos, bem como entre colegas surdos e colegas ouvintes”. Compreende-se que o intérprete possui papel relevante nas relações comunicativas de interação, pois além de intermediar o trabalho pedagógico do professor, contribui sendo sujeito de mudanças nos processos de formação docente.

Nas categorias de **ensino e aprendizagem**, é possível encontrar nas publicações, algumas contribuições acerca da diferença comunicativa entre língua gestual, visual e oral auditiva. A partir das informações supracitadas, percebe-se a necessidade do bom preparo do intérprete em Libras, para que o mesmo possa contribuir efetivamente, atuando como mediador de signos nos processos de ensino e aprendizagem. Não é concebível que o aluno esteja na sala de aula apenas para aprender a “[...] decodificar vocábulos (através da relação fonema-grafema), o que não garante a leitura de textos e resulta na leitura de palavras isoladas sem compreensão do texto lido” (MALLMANN e outros, 2014, p. 143).

Flor, Vanzin e Ulbricht (2013, p. 167) destacam a importância da linguagem para a aprendizagem, considerando-a como entrave ao surdo quando a mesma não é adequadamente utilizada “[...] Se por um lado as normas estabelecidas pela WCAG 2.0 favorecem a acessibilidade de pessoas com deficiência no ambiente da web, por outro, a questão da linguagem continua sendo o entrave que distancia o surdo da sua primeira língua (L1 - língua de sinais)”. Na sequência, há um artigo de autoria de Pivetta; Saito; Ulbricht (2014), em que as autoras expõem relevantes contribuições sobre o ensino e aprendizagem em um espaço virtual com alunos com surdez, propondo alternativas de ensino com a ampliação de possibilidades para a aprendizagem e desenvolvimento desses alunos. Para tanto, elas propõem “[...] o desenvolvimento de novas ferramentas pedagógicas que incorporem características da língua de sinais. [...] ferramentas pedagógicas a serem desenvolvidas exigem uma efetiva participação dos surdos para a obtenção de bons resultados”. (PIVETTA; SAITO; ULBRICHT, 2014, p. 159).

O trabalho do profissional, bem como sua formação, devem estar assegurados de forma qualitativa, para atender aos aspectos fundamentais da comunicação e formação humana. De acordo com Quadros (2004, p.84): “[...] o surdo se comunica usando uma linguagem visual-gestual, e para que este consiga comunicar-se com os ouvintes, que usam a

linguagem oral auditiva, é necessário que o intérprete atue como uma ponte entre o surdo e o ouvinte”.

Referindo-se aos aspectos de ensino e aprendizagem, Vygotski (1997, p. 2) afirma que: “A criança percebe a sua deficiência em questão somente indiretamente, secundariamente como um resultado de sua experiência social”. Assim, o intérprete possui papel de destaque nas relações comunicativas, já que é por meio das interações que o sujeito se desenvolve. Além do trabalho realizado pelo professor e pelo intérprete é importante que se compreenda, como afirma Vigotski, que a escola “não precisa trabalhar intensamente o que na criança está suficientemente desenvolvido”. (VIGOTSKI, 2004, p. 551). As funções psíquicas superiores do aluno com ou sem surdez precisam ser desenvolvidas para que ocorra sua aprendizagem e desenvolvimento, numa relação de interação e mediação por signos.

As categorias de **dificuldades e perspectivas** são consideradas como resultados dependentes, pois as perspectivas em transformação são providências das dificuldades às lacunas dos estudos e práticas em estudo. Há de se levar em conta o desperdício de tempo dos profissionais quanto aos assuntos relacionados à Educação Especial, Surdez e Libras, sendo compreendidos como professores e intérpretes, além deste adquirir responsabilidades que não lhes são atribuídas.

Uma das questões mais recorrentes sobre as dificuldades existentes foi verificada por Vargas e Gabara (2014), na pesquisa realizada no ensino médio, ao observarem o trabalho do intérprete, modificando algumas falas do professor no momento de transmitir o conteúdo ao aluno com surdez, no entanto isso pode ser considerado, “[...] dadas às dificuldades que ele tem em ‘traduzir’ um novo conhecimento, que, muitas vezes, ele não domina. Além disso, nem sempre há sinais específicos na linguagem compartilhada (Libras) pelo aluno surdo e o intérprete, como é o caso de alguns conceitos de Física e Matemática”. (VARGAS; GABARA, 2014, p. 456), objeto da pesquisa do autor do artigo em referência.

Observamos nos artigos, nos resultados das pesquisas, que há intérprete assumindo e exercendo o papel do professor, quando o profissional da educação (pedagogo e professor), não se sente apto a desenvolver um trabalho qualitativo ao se deparar com o aluno com surdez, haja vista que não adquiriu formação necessária para exercê-lo.

Muitas dificuldades foram apresentadas nos artigos analisados, o que corrobora com um depoimento de Strobel (2008b) em sua tese de doutorado, defendida em 2008, ao afirmar que não tinha consciência de que seu problema não era dificuldade de aprendizagem, mas a diferença cultural e linguística. Para ela “[...] Também a forma como o surdo aprende o

português é diferente dos ouvintes, devendo ser adaptada com a realidade cultural deles”. (STROBEL, 2008b, p. 16-17).

As perspectivas para a evolução do ensino para o aluno com surdez estão vinculadas ao desenvolvimento dos profissionais, intérpretes e alunos, enfatizando a natureza de gênese do conhecimento e os processos sociais humanos. Deve-se levar em conta a formação inicial e continuada dos profissionais que atuam na educação escolar, com atenção às singularidades linguísticas, à importância do papel do intérprete e por fim, aos objetivos traçados no intuito do desenvolvimento psicológico, educacional e social do aluno com surdez.

### **Considerações Finais**

Finalizamos este texto, retornando à epígrafe inicial de Karin Strobel (2008a), uma das maiores defensoras da Libras no Brasil, por ser da comunidade surda e compreender que essa linguagem possibilita um compartilhamento de culturas, de conhecimentos, que conforme são ensinados, deixam de ser acessíveis aos alunos surdos, deixando-os a mercê da “boa vontade” de professores e pessoas que convivem com eles.

Para atestar o que vem sendo discutido sobre as temáticas Surdez e Libras é que nos empenhamos em buscar nos artigos da RBEE, em um período de dez anos (2005-2014), as contribuições para esse PAEE, em especial. Não tivemos surpresas quanto aos resultados, pois a base, em qualquer nível de ensino, está na problemática da formação docente, inicial ou continuada. Essa formação tem grau de importância no ensino e aprendizagem de pessoas surdas. Evidentemente, o prejuízo na formação reflete na falta de preparação para atuar com essa especificidade de deficiência.

Enquanto ficamos presos à questão da preparação para atuação, fechamo-nos em nossas possibilidades e não percebemos (ou não queremos perceber) que precisamos sair de nossa zona de conforto e buscar aprender de diferentes formas, para que possamos ensinar. Várias são as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento para os surdos, contudo, faz-se mister atenção, comprometimento, dedicação, muitos estudos por parte da equipe educacional, para que ao ensinarem consigam visualizar as habilidades e potencialidades desses alunos.

Quando mencionamos a importância do professor trabalhar na descoberta das habilidades de seus alunos, surdos ou não, estamos falando ancorados nas contribuições dos autores que foram subsidiados teoricamente em seus estudos pela Psicologia Histórico-

Cultural, tendo em Vigotski seu maior expoente. Os dados das pesquisas analisadas nos artigos mencionados, a partir dos pressupostos teóricos da abordagem vigotskiana, ampliaram nossa compreensão sobre adaptação, mediação, compensação, funções psicológicas superiores, ensino, aprendizagem e desenvolvimento. Com essa ampliação de conhecimentos é que identificamos as fragilidades que envolvem a proposta da inclusão escolar, em que alunos são matriculados nas escolas para cumprimento legal, mas são deixados a mercê de sua sorte ou de alguém que possa olhar por eles, numa relação muitas vezes de piedade.

Essa compreensão nos dá a certeza de que o ensino deve ser realizado com responsabilidade, a partir da socialização de conhecimentos historicamente acumulados e culturalmente arraigados em nossa história, mas com um efetivo trabalho que leve ao desenvolvimento, ao domínio do conhecimento, às abstrações, não apenas com trabalhos pedagógicos voltados à valorização do conteúdo cotidiano. A definição do como ensinar fica na responsabilidade do professor e do intérprete, pois esse trabalho deve ser colaborativo, em que um amplia a área de atuação do outro, sempre mediados por signos, com um efetivo planejamento participativo, que preveja possibilidades por meio da descoberta das habilidades e potencialidades dos alunos, com atenção à adaptação curricular, para que assim, de fato, se tenha uma educação para a emancipação social.

## Referências

MANZINI, Eduardo José. Avaliação de periódicos científicos: Revista Brasileira de Educação Especial. **Rev. bras. educ. espec.** Marília, v.19, n.1, p. 121-130, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000100009)>. Acesso em: 26 ago. 2015.

PINOTTI, Kele Jaqueline; BOSCOLO, Cibele Cristina. A dramatização como estratégia de aprendizagem da linguagem escrita para o deficiente auditivo. **Rev. bras. educ. espec.** Marília, v. 14, n. 1, p. 121-140, Jan.-Abr. 2008.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2004.

REILY, Lucia. **Escola Inclusiva: linguagem e mediação.** 4. ed. Campinas-SP: Papirus, 2004.

SILVA, Simone Cerqueira; ARANHA, Maria Salete Fábio. Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva. **Rev. bras. educ. espec.** Marília, v. 11, n. 3, p. 373-394, Set.-Dez. 2005.

An. Sciencult	Paranaíba	V.6	n.1	p. 191-208	2015
---------------	-----------	-----	-----	------------	------

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008b. 176 páginas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de defectologia**. Obras escogidas V. Madrid: Aprendizaje Visor, 1997.